

ECONOMIA

Econ. - Brasil

Mais munição para conter o dólar

FMI aceita reduzir em US\$ 2 bi o piso das reservas e Governo poderá vender moeda

Givaldo Barbosa

Sheila D' Amorim, Marcone Gonçalves* e Érica Fraga

BRASÍLIA e RIO

O Banco Central aumentou em US\$ 2 bilhões o seu poder de fogo para atuar no mercado de câmbio e conter a alta da moeda estrangeira. O reforço no caixa do BC foi possível porque o piso de reservas internacionais estabelecido no acordo com Fundo Monetário Internacional (FMI) para os próximos dois meses foi alterado, garantindo ao Governo brasileiro uma margem maior para intervenções no mercado. O anúncio da mudança teve reflexo imediato na cotação do dólar, que havia começado o dia em alta e chegou a R\$ 1,987.

No início da tarde, após o presidente do BC, Armínio Fraga, anunciar o resultado do acordo, o dólar havia recuado para R\$ 1,971. No fim do dia, o dólar fechou cotado a R\$ 1,974, com queda de 0,6% na cotação. Foi o segundo dia consecutivo de baixa nas cotações. Além do anúncio da revisão do piso das reservas, a forte alta das bolsas americanas e novas regras baixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) desregulamentando o mercado de câmbio também contribuíram para a queda do dólar. Nos contratos futuros, a cotação da moeda americana também recuou. Hoje, o BC vende um lote de papéis cambiais.

Sem intervenção, dólar rompeu R\$ 2

• A falta de recursos para o BC atuar no câmbio vinha contribuindo para aumentar as pressões no mercado. Nas últimas semanas, por duas vezes, o dólar rompeu a barreira dos R\$ 2. O problema era que, nas contas dos analistas e investidores, o Governo brasileiro já estava muito próximo do limite de reservas que havia se comprometido com o Fundo e, portanto, a aposta era de crescentes desvalorizações. O acordo previa, por exemplo, que em dezembro as reservas líquidas, ou seja, o volume total de reservas descontado o dinheiro emprestado pelo FMI, estariam em US\$ 22,3 bilhões. Nos cálculos de especialistas, com os vencimento que deverão ocorrer nos próximos meses, o país encerraria o ano com uma folga de apenas US\$ 100 milhões. Isso seria, na prática, o que sobriaria para intervir no câmbio.

Com a mudança negociada com os técnicos do fundo, o piso no último mês do ano caiu US\$ 2 bilhões passando a ser de US\$ 20,3 bilhões. Em novembro, o valor estabelecido foi de US\$ 20,990 bilhões. Apesar da medida ainda não ter sido aprovada



ARMÍNIO FRAGA, entre Luiz Fernando Figueiredo, da Política Monetária, e Daniel Gleizer, da Área Internacional, se prepara para anunciar o novo piso das reservas

COMO ISSO AFETA SUA VIDA

O impacto no bolso do consumidor

• Com dólares na mão, o Banco Central pode intervir no mercado e forçar uma baixa das cotações vendendo a moeda a bancos, que por sua vez podem revendê-las a investidores e empresas. A alta do dólar é indesejável porque ela provoca inflação, já que causa aumento de preços de produtos importados, entre eles, petróleo e trigo. A elevação do

preço do dólar também prejudica empresas que estejam endividadas no exterior e aumenta as chances de elas repassarem esse prejuízo para os preços de produtos e serviços no Brasil. O resultado é aumento do custo de vida e uma pressão maior por novos reajustes de preços e salários realimentando um processo perigoso para a economia.

pela diretoria do FMI, os novos limites já estão valendo.

— Por causa da concentração sazonal de vencimentos e de uma percepção equivocada de que nós não teríamos nenhuma flexibilidade para atuar surgiu uma certa ansiedade e o próprio mercado começou também a antecipar pagamentos. Esse processo, eu quero crer, vai se reduzir na medida em que fique claro que essa não é a situação — disse Armínio.

As bolsas de valores foram influenciadas pela forte alta do mercado americano. A Bolsa de São Paulo fechou com alta de 1,46% e já acumula, no mês, valorização de 5,34%.

O volume de negócios somou R\$ 509,5 milhões. Apesar da valorização e do bom volume, operadores do mercado se queixaram ontem das falhas no sistema eletrônico da Bovespa. No mercado futuro, os juros seguem em queda, repetindo a tendência das últimas semanas.

O BC vendeu ontem um lote de R\$ 3 bilhões de Letras do Tesouro Nacional (LTNs) pela taxa máxima de 20,63% e média de 20,61%. A instituição leiloou ainda R\$ 1,5 bilhões de Letras Financeiras do Tesouro com deságio máximo de 0,22%. ■

* Da Agência O GLOBO